

* Novas escrituras e mediações em saúde

Aqui, doido varrido não vai pra debaixo do tapete

Christian Jafas

Formado em Comunicação pela UFRJ, tabalha com audiovisual desde 1993 atuando como produtor, roteirista, fotógrafo e diretor em produções para o cinema e TV. É crítico de cinema do site Almanaque Virtual, participando da cobertura do Festival do Rio desde 2006.
christianjafas@gmail.com

Paulo Amarante

Doutor em Saúde Pública, LAPS/ENSP/Fiocruz.
laps@ensp.fiocruz.br

DOI: 10.3395/receis.v6i3.640pt

“AQUI, DOIDO VARRIDO NÃO VAI PRA DEBAIXO DO TAPETE” (Here wackos are not swept under the rug) BRASIL, 2010. 81 minutos

Filme exibido na MOSTRA PREMIÈRE BRASIL NOVOS RUMOS – FESTIVAL DO RIO 2010

Direção: Rodrigo Selló e Rená Tardin

Rodrigo Séllos estava no primeiro período de cinema na UFF quando decidiu registrar o dia a dia dos *usuários* do Serviço de Atenção Diária do Espaço Aberto ao Tempo, do Instituto Municipal Nise da Silveira, localizado no Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro. Em 2005, durante seis meses, Rodrigo freqüentou o instituto conversando e gravando com usuários, psicólogos, psiquiatras, funcionários e familiares. Esse material foi mostrado ao amigo Rená Tardim, estudante de jornalismo da Uerj, e os dois decidiram deixar as fitas descansarem enquanto amadureciam, estudavam e aprendiam mais em suas faculdades.

Não podemos precisar o que aconteceria se os jovens tivessem editado e finalizado o material logo após as filmagens, mas podemos afirmar, ao menos, que o produto nascido dessa espera mantém o frescor e a inocência de um primeiro trabalho. Entre 2009 e 2010, Rodrigo e Rená tiveram que rever todo o material filmado e pensar que documentário poderia surgir daquelas imagens e entrevistas que estavam adormecidas há quatro anos.

O trabalho de montagem é primoroso e respeita a jovialidade do material captado. As entrevistas são intercaladas com os momentos do dia a dia na instituição, como o jogo de futebol, a aula de música e a preparação do almoço no refeitório, o que permite um espaço, uma reflexão entre as falas, por vezes difíceis de serem absorvidas pelo conteúdo impactante e tão diferente da nossa realidade dita “normal”.

As imagens nos ajudam a entender melhor esse mundo distante e ao vermos a seriedade com que a partida de futebol é disputada, gol a gol, lance a lance, nos aproximamos desses excluídos que nós, sociedade, preferimos trancar e esconder. O termo usuário é um exemplo

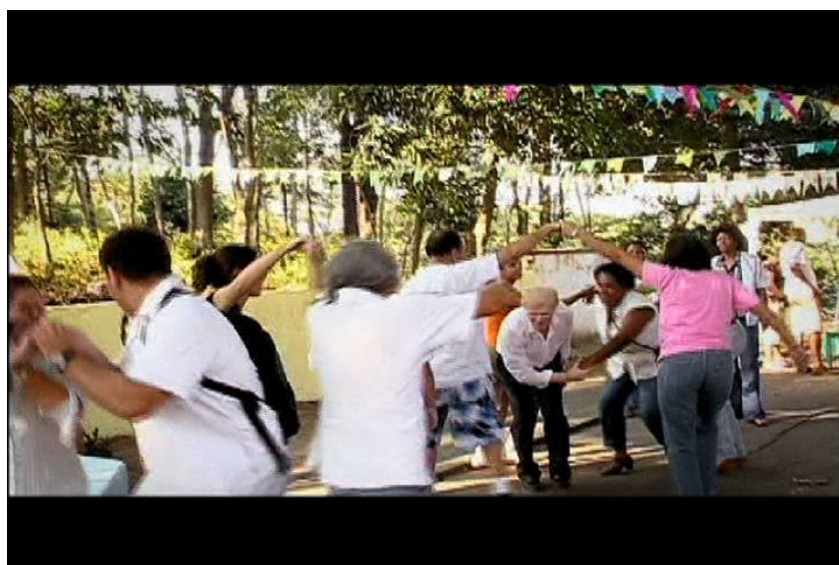
das estratégias de luta contra a exclusão, pois passou a ser utilizado nacionalmente após o advento do SUS, que abriu a possibilidade para a participação dos atores sociais envolvidos no sistema de saúde, amplamente denominados de usuários. Para os então pacientes psiquiátricos esta mudança significou saírem do lugar meramente passivo (pacientes) para um lugar de protagonismo (usuários), embora a instituição em questão adote a expressão *clientes*, utilizada por Nise da Silveira, que, enfim, denota uma relação de mercado.

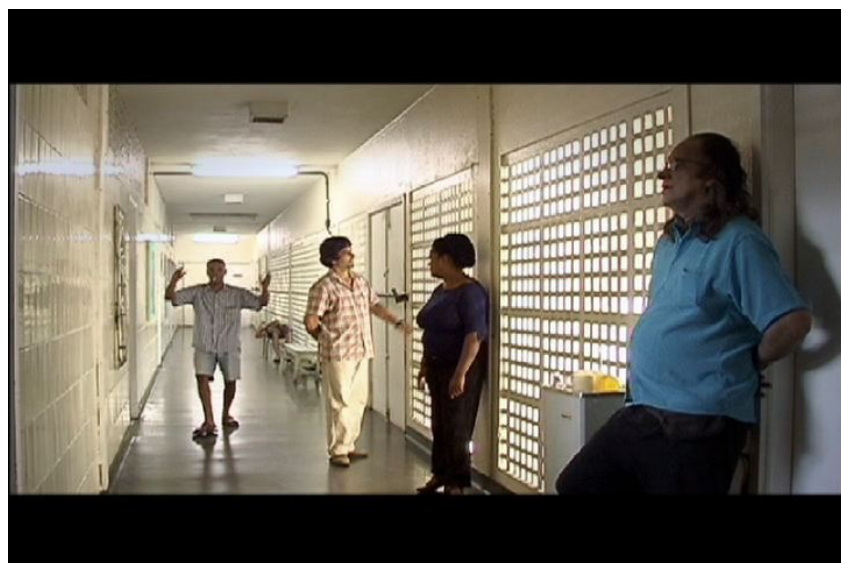
O filme é um importante indicador do exuberante processo social e cultural que vem ocorrendo no âmbito do que se convencionou denominar de Reforma Psiquiátrica. No início, pretendia-se lutar contra a violência destas instituições de isolamento e segregação conhecidas como hospitais psiquiátricos ou manicômios. Milhares de pessoas morreram vítimas desta violência cruel, dos crimes da paz, como as identificou o psiquiatra italiano Franco Basaglia, referência mundial do movimento de Reforma Psiquiátrica. Ao vir visitar o hospital psiquiátrico de Barbacena, em Minas Gerais, comparou-o a um campo de concentração. Ali mesmo em Barbacena foi realizado um dos primeiros documentários importantes sobre as instituições manicomialis. Trata-se de *Em nome da Razão*, de Helvécio Ratton. Um ano depois, em 1978, foi produzido o vídeo *Cronikós*, de Paulo Amarante e Victor Hugo Luckás, premiado no primeiro Festival Brasileiro de Vídeo Independente (MAS-USP). Muitos outros filmes, documentários, peças de teatro, CD's, DVD's, passaram a ser produzidos sobre a temática da violência psiquiátrica e das transformações possíveis. Percebeu-se, então, que mais que lutar contra a violência institucional psiquiátrica, o objetivo maior da Reforma Psiquiátrica seria a transformação do *lugar social* da loucura, ou, em outras palavras, mudar as relações entre a sociedade e as pessoas identificadas como pessoas com transtorno mental. A conclusão pareceu ser clara, nada mais pertinente para mudar as mentalidades, as concepções, o imaginário e as representações sociais e os sentidos das pessoas do que a própria cultura, que, com uma linguagem não verbal, de forma própria, chega aos corações e sentimentos mais profundos. Daí surgiram vários produtos culturais importantes, tais como o filme "Bicho de 7 cabeças", de Laís Bodansky, "Profeta das Águas e Profeta das Cores", ambos de Leopoldo Nunes, os ainda inéditos "Cores da Utopia", de Júlio Nascimento, e o "Nise da Silveira – Senhora das Imagens", de Roberto Berliner. Mas, além das produções audiovisuais, muitas outras iniciativas culturais mereceriam um destaque nominal que o espaço não permite.

Retornando ao filme, a liberdade que a equipe de filmagem encontrou para trabalhar é espantosa e a relação de confiança estabelecida com os usuários comove e faz pensar na responsabilidade que esses dois jovens tiveram ao montar e preparar o documentário. No início, Rodrigo vai chegando devagar e conquistando a confiança de Bruno, um jovem pouco falante e sempre agarrado a um inseparável tambor. Essa timidez de Bruno escondia o intenso interesse pela câmera e pelo filme. Logo Bruno já está com a câmera na mão, filmando e conversando com as pessoas; depois entende que o papel de entrevistador é mais divertido e assume o microfone para nos brindar com tiradas e perguntas delirantes! A interação de Bruno com a equipe desata o resto de resistência que poderia existir e permite que a câmera esteja sempre no centro das atenções e das conversas.

"Aqui, doido varrido não vai pra debaixo do tapete" é um filme para ser aplaudido de pé! Rodrigo, Rená, e claro, Bruno, nos levam por uma viagem fantástica onde o preconceito é jogado para escanteio, o bom humor impera, mas os assuntos delicados são respeitados e

tratados de forma direta e sem rodeios. É impossível levantar da cadeira até o fim dos créditos finais.





Recebido em: 20/09/2012
Aceito em: 20/09/2012